

DESAFIOS NO USO DAS REDES SOCIAIS E DA INTERNET NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES

Euzilane Xavier Alves¹

<http://lattes.cnpq.br/2776606027621855>

<https://orcid.org/0009-0003-5057-1848>

E-mail: lanexavier@hotmail.com

Liliane Barreira Sanchez²

<http://lattes.cnpq.br/7875754985048131>

<https://orcid.org/0000-0002-3250-2940>

RESUMO: O presente trabalho pretende ao longo de seus conteúdos ressaltar os impactos das redes sociais provocados no processo de formação dos estudantes. É inegável que o uso das tecnologias e redes sociais digitais têm influenciado significativamente o modo de vida das pessoas. A escola, como um dos espaços responsáveis pelo processo de formação dos sujeitos, ao lado das famílias, torna-se instância imprescindível no debate contemporâneo sobre os novos processos de socialização e as transformações deles decorrentes. Em consequência da explosão tecnológica, o educador é cobrado a assumir um papel inovador na sociedade da informação, devendo auxiliar o seu aprendiz a canalizar as várias informações que ele recebe e transformá-las em conhecimento. Nesse contexto, as redes sociais desempenham um papel importante na vida de jovens e adolescentes, que se identificam com os conteúdos publicados, desde a forma de se vestir, até como se comportar em algum ambiente. Tendo como ponto de partida uma pesquisa bibliográfica realizada por meio de livros, dissertações, documentos oficiais, artigos científicos, jornais e revistas disponíveis na rede mundial de computador; selecionados mediante buscas em diversas bases de dados, como *Scielo*, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da CAPES, que foram acessados utilizando os descritores: “redes sociais; processo de formação; ensino-aprendizagem; contexto familiar e escolar”, considerando artigos pesquisados entre os anos de 2019 a 2024 (publicações dos últimos cinco anos), obtivemos resultados que atestaram o fato de que as redes sociais são vistas como uma ferramenta digital de grande potencial para o processo de ensino-aprendizagem. Porém, para que isso venha a ocorrer de maneira eficaz, torna-se necessário que os docentes e discentes desenvolvam relações diferenciadas no uso dessas tecnologias, que proporcionem uma dinâmica de aprendizagem crítica, inovadora, criativa, desafiadora e constante, para que a tecnologia da informação seja utilizada a favor de uma formação para a autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Contexto familiar e escolar. Ensino-aprendizagem. Processo de

¹ Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, graduada em Letras Português/ Inglês pela Universidade Castelo Branco e Pedagogia pela Universidade de Uberaba. Professora de Língua Portuguesa. Atualmente gestora escolar. E-mail: lanexavier@hotmail.com

² Doutora e Orientadora. Professora Associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestra em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Bacharel e licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

formação. Redes sociais.

CHALLENGES IN THE USE OF SOCIAL NETWORKS AND THE INTERNET IN THE STUDENT TRAINING PROCESS

ABSTRACT: This paper aims to highlight the impacts of social networks on the process of student development. It is undeniable that the use of digital technologies and social networks has significantly influenced people's way of life. School, as one of the spaces responsible for the process of individual development, alongside families, has become an essential instance in the contemporary debate on new socialization processes and the transformations resulting from them. As a result of the technological explosion, educators are required to assume an innovative role in the information society, helping their students to channel the various information they receive and transform it into knowledge. In this context, social networks play an important role in the lives of young people and adolescents, who identify with the published content, from the way they dress to how they behave in a given environment. The starting point was a bibliographical research carried out through books, dissertations, official documents, scientific articles, newspapers and magazines available on the World Wide Web; selected through searches in several databases, such as Scielo, the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and the CAPES Periodicals Portal, which were accessed using the descriptors: "social networks; training process; teaching-learning; family and school context", considering articles researched between the years 2019 to 2024 (publications from the last five years), we obtained results that attested to the fact that social networks are seen as a digital tool with great potential for the teaching-learning process. However, for this to occur effectively, it is necessary for teachers and students to develop differentiated relationships in the use of these technologies, which provide a critical, innovative, creative, challenging and constant learning dynamic, so that information technology is used in favor of training for autonomy.

KEYWORDS: family and school context; teaching-learning; training process; social networks.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as redes sociais virtuais têm atraído cada vez mais usuários, se tornando uma das mais importantes ferramentas da *Web*, capaz de permitir a expressão individual por meio da criação de perfis públicos e rede de contatos que promovem a interação das pessoas que compartilham e constroem conteúdos coletivamente. Nesse cenário, é indispensável compreender como a utilização dessas redes virtuais vem sendo feita pelos discentes, uma vez que a influência delas na realidade educacional na era digital pode vir a se tornar essencial para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas e em outros espaços, adaptando-se às necessidades de cada estudante.

Os educadores se deparam diariamente com o dilema de utilizá-las ou não como

mais uma ferramenta didática, com a finalidade de se aproximarem da realidade dos discentes, pois é incontestável o que o uso das redes sociais constitui. Dentro dessa visão, o problema que será investigado neste estudo será o seguinte: Como se dá a influência das redes sociais no processo de formação dos estudantes?

De acordo com Mizruchi (2016), as redes sociais desempenham um papel importante na vida de jovens e adolescentes, que se identificam com os conteúdos publicados, desde a forma de se vestir, até como se comportar em algum ambiente. De acordo com a popularidade do indivíduo que apresenta os conteúdos, maior é a influência exercida. Essa popularidade é medida por meio de visualizações e curtidas recebidas nos conteúdos postados, bem como pelo número de seguidores que os/as *influencers* possuem.

Seguindo o pensamento do autor, a inserção em um mundo que se apresenta cada vez mais dinâmico, conectado e tecnológico, impõe trabalhar certos desafios diários no ambiente escolar, como a utilização de novas tecnologias para a promoção do ensino e da aprendizagem dos discentes, bem como as dificuldades encontradas no acesso e manejo desses materiais. Além disso, existe um predomínio de obsoletas práticas cotidianas que buscam homogeneizar a todos os estudantes e centralizar a posse do conhecimento apenas na figura do educador, desconsiderando a pluralidade dos sujeitos, o compartilhamento de ideias, saberes e olhares diversos para o mundo.

Conforme afirma Mizruchi (2016), a influência das redes no contexto familiar é uma preocupação da sociedade atual, que teme o colapso de valores antigos que pautaram até então a convivência social, bem como a desorientação informativa das crianças e jovens. Dentro desse cenário, há também uma grande exposição à publicidade abusiva e excessiva, bem como a um amplo catálogo de diversos jogos disponibilizados na *internet*, que incidem sobre as emoções e o imaginário das mentes infantis e juvenis, ainda em pleno processo de formação cognitiva, social e afetiva, influenciando-os no tocante aos valores, opiniões políticas, dentre outros elementos, contribuindo para a construção de suas identidades.

Um grande desafio atual das escolas é proporcionar aos jovens o uso de suas energias para a transformação da comunidade e realidade em que vivem, em contraposição às forças que querem utilizar os seus protagonismos para outros fins na

sociedade (Bordignon C. & Bonamigo, 2017). Na condição de educadores, considera-se relevante uma formação que auxilie o jovem em seu desenvolvimento pleno como cidadão, amparado pelo conhecimento científico e pelo desenvolvimento de uma consciência crítica, com ideais do humanismo e da sustentabilidade, sendo inclusiva e integradora dos sujeitos, sem nenhum tipo de exclusão.

A INTERNET: TRAJETÓRIA HISTÓRICA, SUA INSERÇÃO NO BRASIL E NOS ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

A história da *internet* foi desencadeada em um período turbulento devido à Guerra Fria, quando Estados Unidos e União Soviética competiam pelo domínio geopolítico. Em meio a essa tensão, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, por meio da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), desenvolveu a Arpanet, cujo principal objetivo constituiu em facilitar a troca de informações entre pontos distantes, focando na melhoria das estratégias militares, visando proteger dados sigilosos americanos dos soviéticos em casos de ataques contra seus meios convencionais de telecomunicações (Revista Ciência e Cultura, 2024).

No ano de 1958, a ARPA foi criada para desenvolver um sistema que permitisse a troca de informações entre centros militares, de pesquisa e o Pentágono, e também, pensando na defesa do país em caso de guerra nuclear. Sob a direção dos americanos Robert Taylor e Lawrence Roberts, e juntamente com a colaboração de outros cientistas, surgiu a Arpanet (*Advanced Research Projects Agency Network*), utilizando a tecnologia de *Wide Area Networks* (WAN). Esse marco histórico ocorreu no ano de 1969, no mês de outubro, quando a primeira conexão entre a Universidade da Califórnia e o Instituto de Pesquisa de Stanford foi estabelecida, enviando o primeiro *e-mail*. Na época, apenas quatro computadores nos Estados Unidos eram capazes de suportar essa transmissão (Castell, 2007).

Na década de 1970, conforme menciona o autor supracitado, a Arpanet passou a ser usada por pesquisadores e militares, e o *e-mail* tornou-se o principal meio de comunicação. Com o aumento do seu uso, surgiu a necessidade de padronizar os protocolos de comunicação, levando à criação do TCP/IP, em 1983, com tecnologia que

ainda se usa atualmente. A popularidade da Arpanet cresceu tanto que os militares decidiram separar suas redes das redes dos pesquisadores, criando a Milnet para uso exclusivo militar. Enquanto isso, a Arpanet continuava a ser usada para fins comerciais e acadêmicos, com a *internet* ganhando força como o principal meio de comunicação global.

Em 1986, a *National Science Foundation* (NSF) criou a NSFNET considerada a espinha dorsal da *internet* atual, ampliando ainda mais o uso da rede. Desde então, a *internet* evoluiu continuamente, conectando pessoas de diferentes partes do mundo e transformando a maneira como se vive e se comunica. O cientista britânico Tim Berners-Lee (1990), impulsionou a revolução digital, criando a *World Wide Web* (WWW). Tal sistema modificou a forma de interagir pela *internet* e, assim, democratizou o acesso e a comunicação. Então, no ano de 1990, a Arpanet foi descontinuada e substituída pela NSFNET, que, com a WWW, levou a *internet* a um público mais amplo, resultando na criação de milhares de sites até o final do século XX. A criação da WWW concedeu o uso comercial e privado da *internet*, transformando a vida das pessoas. Desde então, a *internet* tornou-se essencial para comunicação por *e-mail*, leitura de jornais digitais, movimentação bancária, PIX e compras *online* (Massarolo e Mesquita, 2013).

Segundo os autores, a *internet* chegou ao território brasileiro em 1988, conectando universidades e centros de pesquisa. O Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), no Rio de Janeiro, foi pioneiro ao estabelecer uma conexão com a Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. Ainda neste mesmo ano, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), criou o Alternex, um provedor que permitiu o acesso regular à *internet* para centros de pesquisa e universidades.

Em 1989, o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCTI), criou a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), para implantar uma infraestrutura de *internet* pelo Brasil. Segundo Massarolo e Mesquita (2013), até 1995 a RNP atuou principalmente na comunidade acadêmica e de pesquisa. Um marco significativo nessa história citado pelos autores foi a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no estado do Rio de Janeiro, no ano de 1992, conhecida como Eco-92, tornando-se assim, o primeiro evento no Brasil com conexão à *internet*.

Na década de 90, mais precisamente, nos anos de 1994 e 1995, a *internet* foi disponibilizada para o público e para fins comerciais. Nesse período, a estrutura da RNP deixou de ser exclusiva para a academia, passando a atender as demandas comerciais. Tal avanço se concretizou seguidamente pelo surgimento de portais, redes sociais e serviços *on-line*, transformando a comunicação e os negócios no país.

Diante desse novo cenário estabelecido, o Marco Civil da *Internet* foi estabelecido no ano de 2014, determinando os direitos e deveres para o uso da rede no Brasil, refletindo sua relevância crescente na sociedade. Dados de pesquisa realizada pela PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) apontaram que, no ano de 2021, 90% dos lares brasileiros possuíam acesso à *internet*, demonstrando o impacto profundo da conectividade.

Além de revolucionar a comunicação, a *internet* moldou a maneira como os homens vivem, trabalham e se relacionam. Desde o advento dos primeiros navegadores na década de 90 até o desenvolvimento das redes sociais como *Orkut*, *Facebook*, *MSN* e *Twitter*, a *internet* se converteu em uma teia global, conectando bilhões de pessoas em todo o planeta. Toda a transição da denominada “era analógica” para a “digital”, transformou radicalmente a vida de todos, desde a comunicação até as compras, entretenimento, negócios e relações pessoais.

Assim, as mídias digitais contemporâneas adentraram também os muros escolares, oferecendo e pressionando sua inserção no processo educacional, onde muitas situações de ensino e aprendizagem baseadas em redes sociais, jogos digitais, modelagem em múltiplas dimensões, assumiram espaços nunca antes imaginados no sistema educacional. Porém, ainda há abismos tecnológicos nas escolas como a falta de valorização dos profissionais da educação, vulnerabilidade social dos estudantes, carência de formação dos professores, que acendem uma luz vermelha no processo de informatização dos espaços de ensino e no processo de aprendizagem nas escolas.

A escola, como espaço de ensino e pesquisa, precisa contribuir para a compreensão e adoção de um novo modelo de aprendizagem, organizado em torno das tecnologias de informação e comunicação mais recentes. Porém, o ato de ensinar em sala de aula por meio de uma metodologia baseada nos recursos digitais ainda traz muita

insegurança e ansiedade aos profissionais da educação. Por um lado, o mundo da informática produz e disponibiliza informações cada dia maiores, mas, por outro, o domínio e a postura dos professores diante do conhecimento não acompanham a velocidade e a quantidade de informações produzidas (Silva Lima et. al. 2021).

Para Castells (2007), o cérebro humano não tem a capacidade de ter a mesma velocidade das tecnologias e nem a de armazenamento. Logo, diante do excesso de informação disponibilizada, não há sequer tempo hábil suficiente para absorvê-la. Assim, os assuntos são discutidos de forma superficial, uma vez que as informações mudam frequentemente nas redes sociais. Dessa forma, a velocidade e o quantitativo de dados presentes nessas redes podem promover uma distorção da veracidade dos fatos.

Atualmente, com o fácil acesso à informação de forma quase instantânea, o próprio conhecimento torna-se cada vez mais visível e acessível. Isso significa que o estudante pode construir seu próprio conhecimento e ganhar autonomia em diversas áreas, fazendo com que o professor não tenha mais o controle de tudo. Todavia, isso não representa produção de reflexão crítica sobre os conteúdos absorvidos por esses discentes (Silva Lima et. al. 2021).

Segundo Kenski (2015), os recursos disponibilizados na grande rede, por sua agilidade de compartilhamento e difusão de informações de forma imediata, proporcionam ao cotidiano das pessoas um dinamismo, imediatismo e comodismo que muitas vezes podem ser ruins. Há uma grande destreza na forma como as crianças e adolescentes manipulam os equipamentos e instrumentos digitais, porém, a falta de domínio de conceitos científicos básicos da área da matemática, da língua portuguesa e das ciências de maneira geral chamam atenção, o que se torna grande fonte de preocupação.

Essa realidade traz à tona o papel do currículo escolar e dos professores na formação dos alunos, devendo estar alinhados às transformações sociais contemporâneas. O desafio que surge com isso para pais, gestores e professores é terem que orientar os estudantes sobre o uso correto das redes sociais e de outras tecnologias, uma vez que essas comunicações podem contribuir positivamente no desenvolvimento intelectual, cultural, social e formativo dos alunos (Kenski, 2015).

O enfrentamento desses desafios é grande, podendo ser citados: as dificuldades em atividades colaborativas, participação desigual, comunicação insuficiente, falta de apoio institucional, além do desinteresse dos profissionais da educação em se adaptarem aos novos cenários educacionais. Todos esses obstáculos podem ser interpretados como evidências de que ainda há muito a ser pensado para o uso efetivo das redes sociais nas instituições como ferramentas adicionais colaborativas ao processo de ensino-aprendizagem (Silva Lima et. al. 2021).

Outros obstáculos existentes no processo de ensino-aprendizagem atualmente são: a necessidade em saber lidar com a burocratização do ensino, com a precarização de recursos pedagógicos e tecnológicos, com uma gestão não democrática, com a proletarização dos profissionais da educação, com a carência no domínio das novas possibilidades de aprendizagem contemporâneas, ao mesmo tempo em que o professor é permanentemente cobrado para ver o estudante com um olhar holístico e sistêmico (Silva Lima et. al. 2021).

O USO DAS REDES SOCIAIS PROVOCANDO O FENÔMENO CYBERBULLYING ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR

Como mencionado anteriormente, os atuais avanços tecnológicos e a disseminação das redes sociais no mundo globalizado fazem com que os alunos se encontrem cada vez mais fascinados e envolvidos com os sistemas de tecnologia e isso ocorre independentemente da classe social em que estão inseridos. No cotidiano escolar do Brasil, até fevereiro de 2025, era normal se deparar com discentes fazendo o uso do celular ou interagindo com grupos em compartilhamento de fotos, ou outras mídias, mesmo que essa ação fosse proibida em algumas instituições educacionais para fins que não fossem o ensino-aprendizagem.

O desafio das escolas em manter os alunos interessados nas aulas é grande e os educadores precisam desenvolver estratégias diversas, buscando formas estimulantes, inovadoras e motivadoras em suas práticas pedagógicas, para, como afirmam Santos e Pacheco (2010), ganharem na competição entre os conteúdos dados e a quantidade de

estímulos entregues pelos aparelhos eletrônicos. Dado que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (Brasil, 1996), as instituições de ensino apresentam como um de seus principais objetivos a formação integral do educando, se compreende que as mesmas devam prepará-lo para um convívio em sociedade de maneira harmônica.

Ao pensarem em um ambiente escolar, as pessoas imaginam as mais variadas vivências dentro desse espaço, sejam elas culturais, econômicas ou sociais. Mas, mesmo com os inúmeros trabalhos realizados para desenvolver a conscientização sobre o necessário respeito e a tolerância com o próximo, ainda existem inúmeras manifestações de intolerâncias nas escolas, como o *bullying*. Esse exemplo se encontra associado à vitimização, podendo ser direto ou indireto, sendo o primeiro: apelidos, ameaças, agressões físicas e verbais, degradação da imagem social; e o segundo: isolamento, exclusão, preconceito e discriminação com a vítima (Lima, 2011).

Essa intimidação sistemática, o *bullying*, é um problema social de ordem mundial que, juntamente com o avanço das tecnologias, gerou o *bullying* virtual, também denominado *cyberbullying*. Como atualmente o uso das redes se tornou habitual entre as pessoas, ocupando grande parte do seu dia-a-dia, essa prática trouxe esse diferente modelo de violência. Caracterizado pela utilização de ferramentas tecnológicas, como a *internet*, filmadoras e celulares, a intenção é prejudicar a imagem do outro, expondo momentos da vida social para provocar humilhações. Lima (2011) explica que o *cyberbullying* se configura como ações e comportamentos negativos por meio de redes virtuais, podendo ser citadas: imagens alteradas com ou sem contextos de piadas, votações com características estereotipadas, intrigas por meio de mensagens, entre outras que ferem alguém.

Para Shariff (2011), os indivíduos que praticam o *cyberbullying* (agressores), fazem o uso de meios de comunicação, como *Instagram*, *Facebook*, *WhatsApp*, ou qualquer outro meio, e isso ocorre muitas vezes pelo fato de permanecerem anônimos. Dessa forma, dificulta-se a identificação e a punição dessas pessoas. Porém, na visão de Costa (2011), há alguns sinais emocionais que facilitam a identificação de agressores, como: a manipulação de pessoas para fugirem de confusões em que estão; o uso de computadores até tarde da noite; a tristeza exagerada e incomum quando não ficam no

computador; a utilização de múltiplas contas em redes, ou de contas que não os pertencem; risadas excessivas na frente da tela e não querem compartilhar os motivos do humor; evitam falar sobre suas ações na *internet* e se tornam defensivos ao serem questionados; demonstram comportamentos hostis e agressivos em relação aos pais e familiares, desrespeitando a hierarquia; entre outros.

É importante que os pais/responsáveis e professores se atentem aos comportamentos dos adolescentes, para poderem identificar e, assim, ajudar a lidarem com os agressores e a controlarem a utilização exagerada e exposição à *internet*. Pois, o *cyberbullying* é algo danoso e prejudica o processo de desenvolvimento mental e emocional do sujeito, influenciando no processo de formação nas escolas. Por isso, compreender as consequências dessa prática e os aspectos relacionados com a aprendizagem dos alunos se torna uma discussão essencial na criação de políticas públicas para o planejamento de intervenções que reduzam e interrompam essas ações nas escolas (Stattin; Kerr, 2013).

Segundo os autores, as consequências do *bullying* e do *cyberbullying* podem ser irreversíveis. A combinação de vergonha, isolamento social, ansiedade e sensação de impotência, frequentemente, leva as vítimas a desenvolverem depressão severa. Em casos extremos, o desespero culmina em tragédias que poderão ser evitadas. As vítimas de *bullying* e *cyberbullying* podem carregar consigo sintomas de traumas que poderão marcá-las pelo resto de suas vidas, provocando sentimentos de baixa autoestima, dificuldades de relacionamento com outras pessoas, inclusive, trazendo sofrimentos na vida adulta, como por exemplo, dificuldades em se colocar no mercado de trabalho, ou indo mais além, fazendo com que o indivíduo busque se aliviar dos transtornos no álcool ou nas drogas. A partir disso, os seus efeitos podem ser duráveis e atingem mental, emocional, social, familiar e fisicamente os adolescentes (Fante, 2015).

Assim, torna-se necessário repensar o papel da escola, da família e da sociedade na prevenção desse tipo de violência. A escola precisa ser um espaço seguro, onde práticas de respeito e empatia sejam ensinadas e reforçadas. É fundamental que haja políticas claras para lidar com o *bullying* e o *cyberbullying*, como programas de conscientização,

apoio psicológico para as vítimas e ações educativas para os agressores, além de punições adequadas quando necessário.

Os pais/responsáveis também desempenham um papel essencial, estando atentos aos sinais de sofrimento emocional dos filhos, como mudanças de comportamento, isolamento ou desinteresse por atividades que antes apreciavam. Diálogos abertos sobre os desafios da adolescência e o impacto das redes sociais podem ser fundamentais para oferecer suporte emocional. A sociedade como um todo precisa entender a responsabilidade coletiva na prevenção desse problema de grandes proporções, que pode ter um impacto destrutivo na vida das vítimas. Nesse sentido, campanhas educativas e leis rigorosas para combater o *bullying* e o *cyberbullying* são medidas urgentes para evitar que vidas sejam perdidas.

USO LIMITADO DE CELULARES AOS ESTUDANTES BRASILEIROS NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

No dia 13 de janeiro de 2025, o atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou uma lei (Lei nº 15.100), muito importante e de impacto para a saúde mental das crianças e jovens. A referida lei aplicada a todas as escolas brasileiras de ensino básico, públicos e privados desde fevereiro de 2025, proíbe o uso de celulares durante as aulas, intervalos e recreios, exceto em situações específicas como fins pedagógicos, segurança ou acessibilidade (Kerber, 2025).

O texto foi aprovado pelo Congresso restringindo o uso do celular consciente e responsável, de forma orientada e com propósito pedagógico, evitando acessibilidade do uso individual fora das disciplinas escolares ou para a segurança do próprio aluno. A intenção é que os alunos consigam interagir de forma mais significativa, tanto nas aulas quanto no recreio, com a possibilidade de as crianças voltarem a brincar entre elas no mundo “real”.

A necessidade de criação dessa política restritiva ao uso de celulares nas instituições escolares se justifica devido aos dados do Relatório Pisa Brasil (2022) apontarem que 80% dos estudantes brasileiros relatam distração e dificuldade de concentração nas aulas de Matemática devido ao uso do celular. O referido relatório

também apontou que esses alunos passam mais de cinco horas diárias conectados ao aparelho e que obtiveram, em média, 49 pontos a menos na disciplina, comparados com outros discentes que utilizam os dispositivos por até uma hora.

O percentual de 80% dos estudantes brasileiros que relataram distrações durante as aulas, está acima da média de outros países, como Japão (18%) e Coreia do Sul (32%). Diversos países já adotaram a proibição do celular dentro da sala de aula, como França, Portugal, Canadá e México, seguindo orientações da Unesco. Além disso, o consumo excessivo de redes sociais está associado a transtornos de ansiedade, depressão, distanciamento familiar e outros problemas de saúde mental entre jovens (Kerber, 2025).

Outra pesquisa realizada pela *TIC Kids Online* Brasil (2024), conduzida pelo Cetic.Br, revelou que, entre 9% e 12% dos estudantes brasileiros com idade entre 11 a 17 anos têm acesso a conteúdos sensíveis, os quais poderão impactar gravemente sua saúde mental, incluindo estímulos à automutilação. Ainda, 23% dos estudantes com idade entre 13 a 14 anos acessam conteúdos gráficos, como cenas de violência extrema ou sangue, evidenciando os riscos associados ao uso indiscriminado da tecnologia por crianças e adolescentes

Após a leitura da lei, observamos a relevância de prever exceções, onde as regulamentações garantem o uso adequado dessas tecnologias por estudantes que necessitam delas para estabelecer interações e comunicação com seus pais e professores, acessar o conhecimento, informar a família sobre questões como alterações de rotina, saídas para terapias, consultas médicas ou administração de medicamentos, dentre outros motivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por meio desta pesquisa apontam a importância do docente orientar o seu aluno a selecionar, comparar e sintetizar o que ele julga ser mais relevante e significativo no ambiente virtual das redes sociais e da internet, em geral. Nesse sentido, publicações inadequadas, comentários conflituosos, vídeos e fotos proibidos, quando forem constatados seus usos, devem ser removidos ou apagados imediatamente, podendo

também gerar uma advertência pedagógica, dependendo da gravidade ou situação praticada pelo estudante.

Como exemplo de situação grave, citamos o ocorrido em nossa comunidade escolar, localizada em um município do interior do Espírito Santo, onde uma adolescente foi vítima de *cyberbullying*. Seus colegas de escola a fotografaram sem o seu consentimento e ciência, com um furo na calcinha aparecendo por fora da bermuda. A foto se propagou por toda a comunidade escolar através das redes sociais, pelo *WhatsApp* e *Instagram*, expondo-a publicamente, tornando-a alvo de chacotas. A ação se tornou incontrolável pela escola e a jovem, incapaz de suportar o constrangimento e a pressão emocional, acabou tirando a própria vida, deixando para trás uma família devastada e uma comunidade escolar em choque.

Este caso expõe de maneira cruel a gravidade das práticas de *bullying* e *cyberbullying*. No ambiente escolar, a adolescente foi ridicularizada e isolada, enfrentando humilhações públicas que destruíram sua autoestima. Fora da escola, a perseguição continuou no ambiente virtual, onde a falta de limites de tempo e espaço deixaram a vítima vulnerável aos ataques constantes. A viralização da foto transformou sua dor em espetáculo, tornando impossível escapar da exposição e da crueldade alheias.

Ainda nesse cenário de exposição e influências das redes sociais virtuais, ressaltamos também o estímulo a sentimentos negativos e disseminação de ideias extremas, que muitas vezes culminam em ataques de terrorismo às escolas, colocando em risco a segurança dos alunos e da comunidade escolar. São vários os casos que já ocorreram pelo mundo, inclusive no Brasil. E são vários também os fatores que podem influenciar esses ataques, como: questões de saúde mental, *bullying*, isolamento social e familiar, fácil acesso às armas, desequilíbrios emocionais, vulnerabilidade, para além dos estímulos provocados por conteúdos fascistas disponíveis facilmente na *Web*.

Nossa pesquisa também revelou que há um número significativo de famílias em que o convívio presencial entre os membros está sendo substituído cada vez mais pelos meios de comunicação que vão surgindo, de modo mais rápido e portáteis. Atualmente, muitos pais enviam mensagens de texto via celular, *e-mails* e redes para seus filhos. Entretanto, o abraço, o afeto, o convívio diário está fazendo falta na construção da

afetividade entre ambos. Isso significa uma transformação nas formas de relacionamentos e causa impactos também na formação das subjetividades.

Nesse contexto, o maior desafio educacional hoje está em somar esforços para transformar as práticas pedagógicas com o uso de novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem que possam contribuir com a formação reflexivo-crítica e ética dos estudantes. Pois, não se pode negar o fato de que as redes sociais, sites e aplicativos influenciam e motivam diretamente os aprendizes, principalmente nos relacionamentos *online*, dado que a sociedade contemporânea vive conectada em rede, que por sua vez dita regras, muda hábitos, costumes, incorpora valores, influenciando o modo de viver e interagir das pessoas.

Considerando essas redes como grupos de indivíduos que se relacionam com um fim específico, caracterizando a existência de um fluxo de informações que funcionam como mecanismos que permitem a construção do imaginário coletivo, entendemos que elas constituem ferramentas importantes para a criação e manutenção do conhecimento na atualidade. Por isso, também podem ser fonte de influências positivas para os jovens, se se apresentarem como um ambiente gerador de experiências, de troca de saberes, normas e vocabulários compartilhados entre os participantes com um propósito coletivo, inclusivo e harmônico.

Considerando também que, atualmente, a utilização das redes sociais virtuais pelos estudantes ocorre de forma intensa e constante, se bem direcionadas, podem promover e contribuir para o desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem mais dinâmicos e criativos, aumentando o interesse dos alunos e alunas pelas disciplinas, facilitando o acesso ao conhecimento, a discussão dos assuntos das aulas ou matérias ministradas pelos professores, auxiliando em seus estudos e estimulando suas motivações e participações.

Para as famílias e/ou responsáveis por esses jovens, há ainda os desafios impostos para assimilarem a inserção das novas tecnologias nos espaços de relações parentais. Novas posturas devem ser assumidas no sentido de orientarem e acompanharem seus filhos e filhas em seus cotidianos dentro e fora das casas, pois, muitas vezes, as consequências nocivas do uso das novas tecnologias não ocorrem no meio familiar.

Inclusive, os estudos que realizamos indicaram que o uso das redes sociais no contexto externo à sala de aula tem causado diminuição da atenção dos estudantes no tocante aos conteúdos curriculares desenvolvidos em sala de aula.

Evidencia-se, assim, a urgente necessidade de os educadores se apropriarem dessa ferramenta em favor de suas práticas pedagógicas, com foco no desenvolvimento de metodologias mais condizentes com esse mundo contemporâneo veloz e dinâmico, porém, sem perder de vista a importância do aprofundamento das informações trabalhadas e do desenvolvimento de reflexões críticas, que possam, inclusive, problematizar o tema das próprias redes sociais, seus usos e influências.

É notório que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que tal situação seja efetivada e alcance o sucesso almejado. Mas, esperamos com este estudo, motivar os profissionais da educação para a promoção de mudanças de posturas em relação às redes sociais e tecnologias em salas de aula, a fim de estimular transformações positivas nos métodos de ensino, aprendizado e estudo. Pois, a sala de aula ainda é um espaço formativo significativo para a vida profissional e social dos estudantes, bem como para suas formações como cidadãos.

Esperamos também que, com a Lei nº 15.100, sancionada pelo atual presidente e acordada pelo Congresso, em vigor desde o mês de fevereiro de 2025, o uso do aparelho celular pelas crianças e jovens passe a ser feito de forma consciente, diminuindo vícios, ansiedades, *cyberbullings*, *fake News* e outros hábitos negativos, bem como resgatando a cultura da convivência e do diálogo presenciais, que nos tornaram humanos em um passado longínquo, a fim de que não sejamos, futuramente, confundidos com máquinas.

REFERÊNCIAS

BORDIGNON C. BONAMIGO I. S., *Os jovens e as redes sociais virtuais*. Esqui. Práticas psicossociais vol.12 no.2 São João del-Rei abr./jun. 2017.

BRASIL. *Lei 15.100, de 13 de janeiro de 2025*. Estabelece a restrição de celulares nas escolas do Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/12/18/apos-votos-de-relatores-stf-volta-a-julgar-responsabilidade-das-redes-sociais-saiba-como-esta-o-julgamento.ghtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2025.

BRASIL. *Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes da Educação Nacional. Disponível em: Acesso em: 15 de janeiro de 2025.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Vol. 1. 10 ed. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COSTA, C. G. A. *Gestão de mídias sociais*. 2011. Curitiba: Intersaberes.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus Editora, 2015

KENSKI, V.M. *Educação e Internet no Brasil*. **Cadernos adenauer**, XVI nº3. 2015.

KERBER, S. *Revista Ciência e Cultura*, 12/janeiro/2025.

LIMA, H. O. *O uso das redes sociais na prática docente – Uma experiência no Colégio Estadual Euclides da Cunha*. 2011. Disponível em: <https://www.brasilecola.com>. Acessado Em: 7 de janeiro/ 2025.

MIZRUCHI, M. S. *Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais*. **Revista adm. empres.** vol.46 no.3 São Paulo julho / set. 2016.

MASSAROLO, J.C; MESQUITA, D. *Narrativa transmídia e a Educação: panorama e perspectivas. Novas mídias e o Ensino Superior*. **Revista Ensino Superior Unicamp**. 2013.

MORAN. M. *A Educação que Desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papyrus. 2012.

OCDE- BANCO DE DADOS DO PISA, 2022.

SANTOS, B. S., PACHECO, C. O. *A informática no cotidiano escolar: relato de uma experiência didática*. In N. M. C. Pellanda, & Pellanda, E. C. (Orgs.), *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. (pp. 223-250). Porto Alegre: Artes e Ofício. 2010.

SILVA LIMA et al. *Redes sociais na educação: desdobramentos contemporâneos diante de contextos tecnológicos*. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.4, p. 42341-42357 apr 2021.

SHARIFF, S. *Cyberbullying: Questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família*. São Paulo: Artmed Editora, 2011.

STATTIN, H., & KERR, M. *Monitoramento parental: uma reinterpretção*. Desenvolvimento Infantil. 2013.

TIC KIDS ONLINE BRASIL. *Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil*, 2024.